

## NOS TOLDOS DE TAPEJARA

De Renato Barth e José Pedro Lisboa

A 2 km da vila de Água Santa, no município de Tapejara, encontra-se o Posto Indígena Carreteiro. Até março deste ano, ali agonizava um povo: 120 índios, 22 famílias, então tutelados pelo Estado, através do IGRA.

Em artigo de 4 de maio de 1967, sob o título: "Drama de 1.080 famílias indígenas rio-grandenses", o "Correio do Povo" publicava a dolorosa situação em que se achavam os índios daquele tóldo, cansados da exploração que os aniquilava. Entre outros, refere o mesmo "Correio do Povo", esta dramática exclamação de uma índia:

"Mas o que é que querem fazer com os índios? Já chega de sofrer. Se não quer que índio viva, então é melhor matar índio tudo, mas, chega de tanto sofrer". O outro índio, comparando-se aos pretos da escravidão, exclamava: "Eles já são livres e nós não! Por que isto? O índio também quer ser gente como qualquer outro..."

No dia 20 de março de 1968, o IGRA entregava o então tóldo Indígena Carreteiro à Fundação Nacional do Índio (FNI).

O sr. Carlos Lemos Ramos, já responsável pelo Posto de Indígena Paulino de Almeida, assumiu também a chefia daquele novo posto federal. A distância de mais ou menos 37 km. entre um posto e outro não era grande demais, possibilitando o atendimento dos dois postos simultaneamente. Contando com um auxiliar de confiança, o sr. João Menezes, ainda que com sacrifício para si, pôde o cap. Carlos L. R. deslocá-lo para o P. I. Carreteiro. É verdade que João Menezes, após alguns meses, teria que dividir seu dinamismo com mais um outro tóldo cuja responsabilidade o IGRA passava também para a FNI: o tóldo de Volouro.

Com apenas 5 meses de real dedicação e apoio ao índio, a situação do P. I. Carreteiro mudou totalmente.

Começando por melhorar a alimentação dos índios, foi possível, depois, fazê-los plantar 170 sacos de trigo na sua área, com seus próprios esforços. Apoiados, mais seguros de sua sorte, vendo que podiam realizar algo, o povo daquele P. I. passou a viver vida nova. Em poucos meses foi realizado o que não havia sido feito em dezenas de anos.

Os colonos de Água Santa, acostumados a ver a degeneração daquela região indígena, perguntam admirados: "Como? São esses os índios indolentes, desordeiros, bebedores, que conhecíamos?"

XXX

7 de setembro de 1968. Quase todos os índios do P. I. Paulino de Almeida, embarcaram em carros para uma confraternização, com seus irmãos do Posto Carreteiro. Haveria a inauguração de 12 casas, de uma olaria, e a realização de um casamento.

Quarenta e quatro meninos e três adultos, acotovelavam-se numa única Kombi... Todavia, este sacrifício não importava, contanto que pudessem assistir à festa de seus patrícios do Carreteiro.

O pipocar de foguetes anunciou a chegada de Carlos Lemos Ramos, João Alves Ribas, chefe da 1ª Inspetoria da FNI, João Menezes e suas famílias. Nunca se vira os índios tão sorridentes naquele posto.

Eram nove horas. Enquanto o cacique Manoel Inácio hasteava o Pavilhão Nacional, e o cacique Lionídio a bandeira do Rio Grande do Sul, o ten. Ribas entoou o Hino Nacional, cantado pelos índios. Eram os legítimos brasileiros que manifestavam o seu amor à Pátria, que depois de tanto tempo de esquecimento, afinal os fazia sentirem-se seus filhos.

Após as palavras do sr. Lemos Ramos, falou também o ten. Ribas, que, lembrando aos presentes a importância do momento histórico, dirigiu-se em linguagem simples aos índios, elogiando o exemplo de coragem que os indígenas do P. I. Carreteiro deram aos outros postos. Encorajou-os a que continuassem trabalhando com entusias-

mo para conseguirem sempre mais melhorias para o seu posto.

O segundo ato solene do dia, foi o enlace matrimonial de Valdemar Lima, filho do ex-cacique do P. I. Paulino de Almeida, e Odília Lima, filha do atual Cacique do P. I. Carreteiro.

O casamento civil foi realizado na casa da noiva. Felio cortêjo, integrado por 4 carros, os noivos, padrinhos, testemunhas e familiares, dirigiram-se para a Igreja de Água Santa, onde se realizou o casamento religioso.

xxx

Os estudantes universitários que ali estiveram participando do Projeto Rondon em meados de julho próximo passado, não tinham sido testemunhas da realidade que naquele dia 7 de setembro era festejada: a presença de 12 novas casas e de uma olaria.

As casas foram construídas em dois meses pelos próprios índios, com madeira retirada da área indígena. Estão cobertas de telhas e assoalhadas suas 4 peças. Puderam, então, os índios pôr fogo nas suas "guaranas" (rancho de palha), que eram frias, de chão batido, cheias de fuligem e de gotelas nos dias de chuva.

Além da casa, cada família recebeu um colchão novo, feito no Posto sob a orientação de D. Maria, esposa do sr. Lemos Ramos.

A olaria, com área coberta para secagem dos tijolos, poderá produzir 3.800 tijolos diários. Um canal trás água distante 2 km até o alto da roda d'água que movimentará as máquinas da olaria. Todas as famílias estão bem servidas de água trazida por canos de plástico até um depósito que alimenta a tornei-

ra comum. Tudo isto era razão para festa.

xxx

Ao meio dia houve churrasco, para muitos o primeiro com maionese preparada pelas próprias índias. Mais de 300 índios, espalhados em pequenos grupos, saborearam aquele churrasco com sabor de liberdade, após tantos anos de dura exploração.

A tarde dois jogos de futebol completaram o quadro das comemorações daquele inesquecível 7 de setembro. Jogou o time dos índios do P. I. Paulino de Almeida, contra o time do P. I. Carreteiro. Aquêles levaram a melhor. Não poucos colonos da vizinhança estiveram ali, atraídos pelo ruído da festa. Certificaram-se de que os índios do Carreteiro já não eram bebedores, preguiçosos e indolentes... Convenceram-se de que um povo se levanta, quando apoiado pela ação desinteressada de homens responsáveis e que tenham confiança na pessoa humana.

xxx

Sobretudo a partir de 1962, ocorreu em nosso Estado uma clamorosa exploração dos índios. Tal situação foi repetidas vezes denunciada através das páginas do "Correio do Povo", por pessoas de responsabilidade, como o prof. Moyses Westphalen, e outros, preocupados com o desrespeito às leis e à justiça.

Temos toda a esperança de que as tristes ações do passado, agora em vias de superação, jamais sejam imitadas pelas futuras gerações, a fim de que a justiça e o amor sejam conhecidos, ao menos no ocaso, para aquele povo que em 4 séculos só conheceu injustiças e destruição de seus direitos mais inalienáveis.



Esta jovem índia, filha do cacique do Posto Carreteiro, além de bonita, é professora de uma nova geração de nativos melhor atendidos pelo seu País